Obra mostra como mudanças estruturais no Banco do Brasil se confundem com a história recente do país

Livro disseca plano de reestruturação de banco

MANUEL ALVES FILHO
manuel@reitoria.unicamp.br

Foto: Antoninho Perri

A antropóloga Lea Carvalho Rodrigues: "Modernização alterou a missão do banco"

SERVIÇO

O livro "Metáforas do Brasil – Demissões Voluntárias, Crise e Rupturas no Banco do Brasil" é o resultado da tese de doutorado de Lea, apresentada no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp, sob a orientação do professor Guilhermo Raul Ruben. O estudo foi financiado pela Fapesp. A obra concebida pela antropóloga, que atualmente leciona no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará (UFC), tem 390 páginas e foi editada pela Annablume. O preço sugerido é R$ 40,00. Para adquirir exemplares diretamente com a autora, basta entrar em contato pelo e-mail lea@ufc.br.

processo de liberalização da economia brasileira, iniciado no governo Fernando Collor de Mello e intensificado nas duas gestões de Fernando Henrique Cardoso, tem como marco uma experiência considerada exitosa pelos seus idealizadores e executores, mas que se mostrou traumática para milhares de trabalhadores. O plano de reestruturação do Banco do Brasil (BB), fundamentado principalmente no Programa de Desligamento Voluntário (PDV), transformou a imagem da instituição e fez emergir uma série de conflitos e interesses até então desconhecidos da sociedade. Em seu livro "Metáforas do Brasil – Demissões Voluntárias, Crise e Rupturas no Banco do Brasil", a antropóloga Lea Carvalho Rodrigues, que se doutorou pela Unicamp, faz uma análise minuciosa daqueles acontecimentos e os relaciona com as transformações ocorridas no próprio país na década de 90. "No meu trabalho, tento mostrar como a trajetória do banco se confunde com a trajetória do Brasil sob os pontos de vista histórico, econômico, político e social", afirma.

13,5 mil funcionários aderiram ao plano

Lea, que trabalhou por quase 20 anos no Banco do Brasil, diz que ao longo de décadas a instituição financeira foi considerada símbolo de identidade nacional e sinônimo de segurança e ascensão profissional para os seus funcionários. Entre suas atribuições estava, por exemplo, o papel de contribuir para o sucesso da política econômica e financeira do país. Em virtude dessa atuação, destaca a autora no livro, "há que se considerar a singularidade das relações do banco com os governos aos quais se reporta e que nele intervêm abertamente e as relações de interação com a própria sociedade brasileira". A antropóloga concentra seus estudos no período que vai de 1995, ano em que o PDV foi lançado, a 2000. Ela própria valeu-se do programa para deixar o BB. "Como o meu projeto de abraçar a carreira acadêmica já estava consolidado, não foi difícil fazer a opção. Entretanto, a grande maioria dos funcionários viu-se pega de surpresa. Muitos vivenciaram dramas terríveis por conta da escolha que fizeram", conta.

De acordo com a pesquisadora, a decisão de aderir ou não ao PDV foi tomada no afogadilho. Na prática, lembra, os trabalhadores tiveram apenas 11 dias para se definir. À época, o BB contava com 107 mil funcionários. Destes, 55 mil foram classificados pela empresa como "elegíveis", ou seja, aptos a participarem do programa. Cerca de 13,5 mil pessoas aceitaram deixar o banco por meio dessa alternativa, o que representou 80% do universo pretendido inicialmente pela instituição financeira. "Isso fez com que o PDV do Banco do Brasil fosse considerado um sucesso mundial em programas dessa natureza. As experiências internacionais apontavam para um índice médio de adesão da ordem de 25%", aponta Lea.

A medida foi acompanhada de outras ações, que acabaram por provocar, nas palavras da antropóloga, uma ruptura do Banco do Brasil com seus funcionários e com a própria sociedade brasileira. "O plano de reestruturação da empresa, que tinha por objetivos a redução de custo e a melhoria de resultados, para torná-la mais competitiva, tinha claras motivações neoliberais e vinha acompanhado do argumento da modernização. Ocorre, porém, que esta modernização alterou a missão do banco. De uma instituição que tinha como metas a concretização de objetivos sociais e a promoção do desenvolvimento nacional, ela passou a atuar nos moldes de uma organização privada, voltada apenas para o lucro", analisa a autora.

A pesquisadora destaca, ainda, que a estabilidade proporcionada pelo BB aos seus servidores, que na prática não existia pois os contratos de trabalho regiam-se pela CLT, era considerada pela própria direção da instituição como um valor nacional. "De forma que, para o BB, ao romper com essa estabilidade, em nome de uma eventual empregabilidade, rompiam-se também valores da própria sociedade brasileira". O que ocorreu no Banco do Brasil, nota Lea, também foi levado a efeito em outras instituições públicas e estatais. A experiência forneceu, por assim dizer, as bases para a Reforma do Estado e implantação das políticas de liberalização da economia na década de 90, que obedeciam à lógica da estabilidade proposta pelo Plano Real e aos ditames dos organismos internacionais, como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e Banco Mundial, que exigiam também a reestruturação do Sistema Financeiro Nacional, de acordo com a antropóloga.

Não por acaso, prossegue a pesquisadora, a reestruturação do BB aconteceu no momento em que o governo FHC discutia as reformas da Previdência e da Administração Pública. Para executá-las, diz, a quebra da estabilidade dos funcionários do banco teria sido estratégica na tentativa de facilitar o processo, dado que as medidas que estavam sendo gestadas certamente encontrariam muita resistência por parte do funcionalismo público e de segmentos importantes da sociedade, dificultando a sua aprovação no Congresso Nacional. "Por essas e outras razões considero o Banco do Brasil uma metáfora do país. O que ocorreu com a empresa, alvo das chamadas medidas de modernização, é condizente com o que aconteceu com o Brasil nos anos 90. Ambos foram submetidos a mudanças drásticas em vez de processuais, o que, no caso específico do BB, resultou numa profusão de conflitos e revelou que interesses governamentais estavam por trás do conjunto de ações", sustenta Lea.

Softwares auxiliam professores em sala de aula

RAQUEL DO CARMO SANTOS
kel@unicamp.br

Foto: Neldo Cantanti

O professor Eduardo Galembeck, do Instituto de Biologia, um dos idealizadores dos programas: ferramenta educacional

SERVIÇO

Os CDs "Bioquímica e Biologia em Multimeios" estão à venda nas seguintes livrarias: Instituto de Química da Unicamp(www.livrariadaquimica.com.br), Polytécnica (São Paulo) www.livrariapolytecnica.com.br) e M&F Academic Book Services (www.mf.com.br)
Preços sugeridos: Bioquímica – R$ 25,00; Kit Biologia em Multimeios – R$ 40,00

Mesmo em laboratórios dotados de recursos para experimentos, seria pouco provável que fossem compreendidos, claramente, alguns dos conceitos biológicos encontrados nos livros didáticos. No ensino superior, a situação não é diferente. Vários assuntos na área de Bioquímica possuem grau significativo de complexidade. Neste sentido, há quatro anos, a equipe do Laboratório de Tecnologia Educacional, do Instituto de Biologia da Unicamp (IB), se dedica ao desenvolvimento de programas de computadores que auxiliam o professor em sala de aula. "O conjunto de CDs, idealizados e produzidos no próprio Laboratório, tem se notabilizado como ferramenta educacional pela diversidade de metodologias adotadas", avalia o professor Eduardo Galembeck, do Instituto de Biologia, um dos autores dos programas.

Primeira versão tem conteúdos de Bioquímica

A primeira versão foi desenvolvida com conteúdos de Bioquímica – estudo das reações químicas que acontecem em um organismo –, voltados para o ensino superior. Foram vendidas cerca de mil cópias, desde que foi lançada, em 2000. Só em licenças para universidades, foram vendidas perto de 15, sem contar as disponibilizadas gratuitamente para universidades públicas. Até mesmo para o exterior foram comercializadas licenças de uso dos softwares. Agora, a versão mais atualizada da série conta com um assunto a mais e foi feito com uso do programa Flash, por oferecer maior grau de compatibilidade com outros programas de computadores.

A nova edição do CD Bioquímica já vendeu perto de 200 cópias. Nestes números não estão incluídos os acessos via internet, pois além da opção de compra do CD, todos os programas estão disponíveis on line. Para Galembeck, a idéia é disponibilizar conteúdos de temas complexos e que, em geral, levariam muito tempo para ser testados em bancada. Um exemplo emblemático são os experimentos com enzimas, comuns em biologia. Os programas permitem simular as propriedades sem precisar utilizar um laboratório.

Galembeck garante que a intenção não é substituir a aula prática pelo computador. "O que ocorre é que a compreensão fica facilitada quando se tem a possibilidade de simular. No caso de sua utilização no Instituto de Biologia, os programas são bastante úteis e, em algumas vezes, são usados antes que o aluno vá para o laboratório". Mesmo com o volume de cópias vendidas, Galembeck assegura que a iniciativa não tem fins lucrativos. "O valor que recebemos é empregado no sustento do laboratório, e é revertido em bolsas para estudantes de graduação".

Ensino médio – Os programas criados para os professores de ensino médio constituem a série "Biologia em Multimeios". O kit é formado por um CD e manual. A versão contém animações, simulações e conteúdos detalhados sobre cinco temas. Neles são dissecados temas sobre o movimento das plantas, ciclo da vida em vegetais, estômatos, embriologia e nutrição. A série é resultado dos melhores projetos realizados na disciplina sobre desenvolvimento de software para ensino de biologia, ministrada por Galembeck.

Para os professores que possuem acesso pela internet, os programas podem ser copiados para o computador e até alterados, pois são distribuídos nos termos de software livre. Além do aspecto positivo de melhor visualização dos conteúdos, Eduardo Galembeck acredita que os detalhes dos temas acabam despertando interesse maior sobre o assunto e motivam o aluno a querer aprender ainda mais sobre biologia. "A partir das experiências com os projetos 'Teia do Saber' e 'Universidade de Portas Abertas', nos quais os programas ficaram disponibilizados, observamos o uso dos softwares por alunos de diferentes perfis. A resposta foi bastante significativa".

As variações das metodologias utilizadas são outro ponto importante da iniciativa. Gabriel Hornink, um dos autores do CD "Guia Prático e Teórico de Parasitas Intestinais Humanos", acredita que os softwares atingem uma maior gama de alunos, pois possuem conteúdos para leitura, esquemas, imagens e animação. Ele explica que a utilização dos programas por parte do professor pode variar de acordo com o perfil do aluno. "Há alunos que gostam mais de aprender através da leitura. Outros, porém, preferem as simulações e os programas contemplam várias metodologias".

Bioquímica – Os programas para o ensino de Bioquímica foram os primeiros a serem idealizados. Como parte de seu trabalho de doutorado, Galembeck desenvolveu os primeiros programas. Segundo ele, o conteúdo foi selecionado pela vasta experiência do professor Bayardo Torres na área de ensino da disciplina. "Fizemos uma coletânea de assuntos complexos, que seriam interessantes se abordados com recursos multimídia". Na nova versão do CD "Bioquímica" constam os seguintes conteúdos: COM (Consumo de oxigênio por mitocôndrias isoladas), CTE (Cadeia de transporte de elétrons), Contração muscular, Cinética Enzimática, Nutrição, Radicais Livres e AMP Cíclico.